

A questão florestal e a realidade do setor de papel e celulose

Celso Foelkel

Com um potencial ímpar de destaque e desenvolvimento, porém ainda convivendo em meio a paradoxos, o setor de papel e celulose brasileiro precisa encontrar uma saída rápida e socialmente justa para a potencial crise de falta de abastecimento de madeira no curto prazo

O setor florestal brasileiro tem sua atuação fundamentada em algumas máximas. Dentre elas, destacam-se o fato de que esta indústria é baseada em recursos naturais renováveis, usa da madeira de florestas plantadas e busca a prática do manejo florestal sustentável. Deste esforço resultam as iniciativas de certificação florestal como meio de alavancar o mercado, imagem e aceitação pela sociedade, além dos ganhos que a ecoeficiência oportuniza. Apesar do setor buscar a utilização de tecnologias florestais estado-da-arte, a ênfase tem sido mais a produtividade florestal, o melhoramento genético e a qualidade da madeira. Como pano de fundo, há também a crença de que floresta plantada é um cultivo agrícola e, isto se deve, até mais a razões políticas do que conceituais propriamente ditas. Até podemos tratar as florestas plan-

tadas como culturas agrícolas, mas acabamos perdendo muito de seu potencial ecológico e social, se assim o fizermos.

Verdades inquestionáveis do setor

De toda forma, para uma melhor compreensão da grandiosidade do setor, some-se às máximas citadas acima a excepcional produtividade florestal brasileira, cujo aumento permitiu ao setor de celulose duplicar sua produção anual nos últimos 15 anos sem necessidades de áreas adicionais significativas para plantar florestas. Há anos, o setor de papel e celulose relata consistentemente, via Bracelpa, que as empresas do setor detêm cerca de 1,5 milhão de hectares de florestas plantadas, sendo atualmente 70% de eucalipto e o restante quase tudo de pinus.



Floresta plantada é mais do que um conjunto de árvores plantadas lado a lado

Por outro lado, o que se observa é que as empresas utilizam cada vez maiores quantidades de madeira e casca energética, mas só possuem melhoramento florestal da madeira para celulose.

Há em todo esse processo um ingênuo paradoxo: acredita-se que as quantidades adicionais de madeira poderão ser supridas pelos agricultores que terão uma segura fonte adicional de renda na propriedade rural. Lembram-se do lema "Plante uma floresta e ganhe uma fortuna"? Será que algum agricultor se sentiu ganhando essa fortuna apregoada? Acredita-se, ainda, que o agricultor brasileiro seja suficientemente mágico para fazer florestas produtivas e de forma barata usando mão-de-obra ociosa, disponível na propriedade rural.

Quando se fala em fomento, o que se observa é uma postura

empresarial até mesmo egoísta em muitos casos, pois a empresa não está, na maioria das vezes, disposta a compartilhar seus melhores materiais genéticos com os agricultores. Mudanças clonais, por serem mais caras e por terem "royalties" embutidos, não são disponibilizadas aos fomentados. As empresas costumam oferecer aos agricultores mudas de sementes, mudas vencidas ou restos já passados, mudas de raiz nua para pinus, etc. Além disso, há pouca assistência técnica ou orientações gerenciais e econômicas. Fica por conta dos agricultores a produção de lenha e madeira para celulose para essas mesmas empresas que não querem disponibilizar material genético superior. É um curioso paradoxo a servir de reflexão. Quem consumirá essa madeira não será a própria empresa que promoveu o fomento? Por que então não almejar o ideal?

Qual a razão deste quadro?

Uma razão primeira é a existência de um oligopólio na compra dos grandes volumes de madeira. A escala de valores não está atribuída de forma a promover melhorias. É prática corrente que a madeira não apenas custe o mínimo possível em pé, mas também que seja pago ao produtor rural, pelo menos, no valor do custo que ela tem para a empresa produzi-la com toda sua tecnologia de ponta. Entende-se que toda a agregação de valor não deva ocorrer na floresta, mas nas fábricas; portanto, toda margem de lucro deve estar apropriada na celulose de mercado ou no papel. Dessa forma, madeira é considerada matéria-prima comoditizada de baixo valor. O preço final da madeira é muito mais uma questão de logística de colheita e transporte do que de crescimento de

árvores ao longo de rotações que tomam diversos anos.

Como consequência destas práticas, já se anunciou ao setor a iminência daquilo que vem sendo chamado de "Apagão Florestal", conforme publicado no Notícias Bracelpa de 12/08/2002. A partir de 2004, poderá faltar madeira, criando-se vulnerabilidades para os setores de papel, celulose, siderurgia, moveleiro, construção civil e energético. Segundo a mesma fonte, o nível de plantio atual é de 250.000 ha/ano, porém o necessário são 630.000 ha/ano. Uma discrepância incontestável que resulta num conceito de sustentabilidade que passa a ser mais empresarial e de negócios do que efetivamente florestal.

Dentre as ações emergenciais destacamos o Programa

Nacional de Florestas e os recentes incentivos ao pequeno e médio agricultor. Além destes, o fomento passa a ser cada vez mais urgente e deve ser mais generalizado. O agricultor passa a ser visto como a galinha dos ovos de ouro do futuro, já que possui a terra valiosa (capital) e deve ter alguma mão-de-obra ociosa e barata para plantar florestas, segundo crença corrente.

Este mesmo agricultor brasileiro, decepcionado e sofrido, merece mais que apenas mudas e expectativas. A ele devem ser disponibilizados genótipos superiores, transferência de tecnologias adequadas, garantia de compra a preços que o remunerem e também a diminuição do risco ao agricultor (seguros, combate a pragas, fogo, etc).

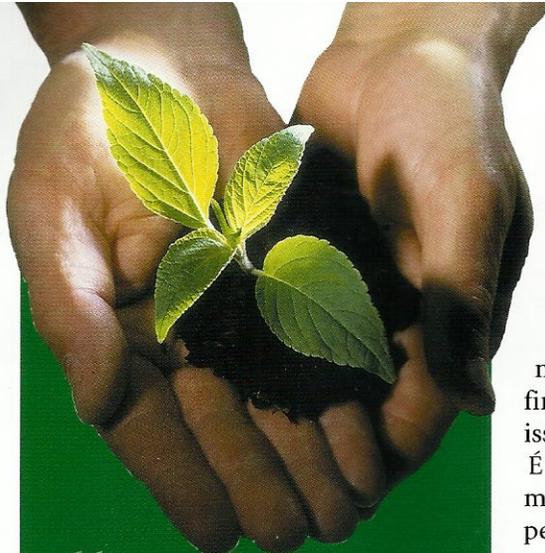
Desta forma, poderemos eliminar a explosão de novos plantios baseados na filosofia de plantar misérias para colher fortunas. Há que se pôr fim aos plantios sem acompanhamento técnico, já que as áreas extras a plantar são enormes e desafiadoras: é provável que sobre emoções e intenções, mas não devem faltar razão e bom senso.

Mas isso não é tudo, convivemos com a falta de zoneamentos agroecológicos adequados, nota-se proteção florestal deficiente, além do desconhecimento tecnológico sobre plantações florestais de pequenas áreas, integradas às áreas agrícolas e zootécnicas.

Não podemos esquecer o grande perigo da desilusão futura desse produtor rural: plantios destruídos por formigas ou



É preciso usar melhor a madeira produzida pelas florestas plantadas



besourinhos, ou pela ferrugem, plantios mal manejados dando origem a madeira que só presta para lenha, etc.

Aquilo que está acontecendo agora no setor florestal brasileiro está apenas começando. Se algo tem que ser feito, já deveria estar sendo realizado, principalmente por nós que somos o epicentro do consumo de madeira, e que já estamos sendo alertados pela SBS (Sociedade Brasileira de Silvicultura) para o problema de retração de suprimento há alguns anos.

Temos que refletir e estar prontos para novos desafios e batalhas. Temos que saber quem participará deles, quem serão as lideranças de nosso setor a enfrentar esses desafios para ajudar a vencer e resultar em ganho para todos: empresas, ecossistemas, agricultores e sociedade.

Algumas recomendações

Já que sabemos que algo de grande está para acontecer, vamos trabalhar e planejar o futuro que queremos, ao invés de só pensarmos nas vantagens a usufruir no presente.

Temos que ter cuidado com as ações capazes de prejudicar novamente a imagem do setor, e para isso, usar o cérebro, a experiência e o conhecimento acumulado na nossa reconhecida silvicultura baseada em critérios e princípios cada vez mais sustentáveis.

Ao invés de sairmos só aplaudindo a nós mesmos, vamos arregaçar as mangas e trabalhar para todos ganharem na cadeia produtiva da madeira.

Floresta plantada não é apenas um conjunto de troncos de

“ **Ao invés de sairmos só aplaudindo a nós mesmos, vamos arregaçar as mangas e trabalhar para todos ganharem na cadeia produtiva da madeira.** ”

árvores perfilados ingenuamente lado a lado. Nós temos que conhecer e conversar mais com nossas florestas, não abusar no uso de agroquímicos e de OGMs, não criar ambientes instáveis e sujeitos a desequilíbrios ecológicos. Também devemos ter florestas mais estratificadas e desenhadas de forma sustentável.

Temos que atuar não apenas como produtores de madeira, mas como cidadãos do planeta, e que teremos, entre outros benefícios da floresta plantada, a madeira que precisamos. Afinal de contas, nem todo retorno florestal se mede em termos de Taxa Interna de Retorno ou de Valor Presente Líquido, ou em volume produzido, etc.

Não podemos, também, chegar a ponto de, em busca do aprimoramento, incorrer no erro de plantar florestas tão melhoradas para uma dada finalidade que só sirvam para isso e nada mais.

É importante também usar melhor a madeira produzida pelas florestas, evitando o grande desperdício de resíduos que ocorre atualmente. Ainda, recomendo aos jovens e aos não tão jovens técnicos e engenheiros florestais, não se escravizarem demais a números, tabelas e justificativas oriundas de pacotes de softwares, de computadores e se esquecerem de visitar suas plantações e seus ambientes naturais para dialogar com eles e enxergar o que os números não mostram. Devemos, ainda, fortalecer e incentivar a formação de clusters (agrupamentos) agroflorestais com mínima geração de resíduos e máxima ecoeficiência.

É sempre possível encontrar uma maneira melhor de se fazer as coisas.

Enfim, não podemos nunca nos esquecer de que a missão da floresta plantada é muito maior do que apenas fornecer madeira barata para as fábricas. Ela precisa de gente para sua implantação e desenvolvimento, e precisa de um ambiente sadio para poder oferecer o que esperamos dela. Madeira e lucros, mas também segurança, equilíbrio, proteção, harmonia, paisagem, interação e alegrias. Será que como empresários poderemos balancear essas expectativas? ■

Celso Foelkel

é consultor e presidente da ABTCP

anave

Associação Nacional dos Profissionais de Venda em Celulose, Papel e Derivados

RPA
EDITORIAL
R\$ 8,00

Venda Mais
*As infinitas
possibilidades
do papelcartão*

Artigo Técnico
*O setor papelreiro
e a questão
florestal*

Qualificação Profissional

**Conheça os cursos oferecidos aos
profissionais dos setores papelreiro e gráfico**